

JORNAL DO BRASIL

Deputados podem derrotar Covas

18 MAR 1987

Brasília — O senador Mário Covas, o mais votado de São Paulo, está preparado para enfrentar hoje uma previsível derrota eleitoral, na disputa que travará com o deputado Luís Henrique, de Santa Catarina, pela liderança do PMDB na Constituinte.

Contra Covas estão funcionando três poderosos aliados: o sistema corporativo da Câmara — são 258 deputados contra apenas 46 senadores —, o trabalho de bastidores pró-Luís Henrique do presidente do partido, da Câmara e da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, e o fato do senador ser paulista.

A candidatura de Mário Covas à liderança do PMDB na Constituinte surgiu desde a instalação dos trabalhos da assembléia, quando, segundo ele próprio, houve um acordo tácito

entre os senadores pemedebistas e lideranças da Câmara para levá-lo ao cargo. Mas, quando o deputado Luís Henrique foi eleito líder do partido na Câmara, deixou clara sua intenção de exercer também a liderança na Constituinte. Caso contrário, renunciaria ao cargo.

O deputado Ulysses Guimarães fez vários apelos a Mário Covas para retirar sua candidatura em favor da de Luís Henrique e na última semana chegou a oferecer ao senador o lugar de relator-geral da todopoderosa Comissão de Sistematização — a mais importante da Constituinte. “Não se trata de barganha de cargos”, disse-lhe então Covas, que resolveu manter-se na disputa, embora reconhecendo que sua derrota é praticamente certa.

Os partidários da candidatura de Covas acreditam que o senador po-

derá chegar a 100 votos entre os 258 pemedebistas da Câmara e para isso estão trabalhando incansavelmente alguns dos parlamentares ligados à esquerda do partido, como Hélio Duque (PR) e Cristina Tavares (PE). Contas mais realistas entre eles mesmos, contudo, contabilizam apenas cerca de 60 deputados favoráveis à candidatura de Covas, que ontem passou todo o dia em reuniões com cabos eleitorais e em contatos com eleitores.

— Ganhando ou perdendo, saio vitorioso dessa eleição — disse Covas, que não tem escondido dos amigos sua irritação com a ação de Ulysses Guimarães em favor da candidatura de Luís Henrique. Na prática, o líder da Câmara já vem liderando o PMDB na Constituinte desde sua eleição em fevereiro.

Senado não consultou Câmara

Rodolfo Fernandes

No final de janeiro, os senadores do PMDB se reuniram no auditório Filinto Muller e decidiram conduzir o senador Fernando Henrique Cardoso (SP) à liderança do partido naquela Casa e entregar ao senador Mário Covas (SP) a liderança na Constituinte. Até aí estaria tudo bem se, para fazer essa divisão, tivessem consultado os deputados, que são maioria entre os membros da Constituinte. Esse simples ato de gentileza com os deputados teria evitado mais uma disputa dentro do PMDB, com as inevitáveis seqüelas.

Dias depois da eleição no Senado, o PMDB conduziu o deputado Luís Henrique (SC) à liderança na Câmara e armou o circo para a briga de hoje. Formalmente, não existirá neste ano, enquanto funcionar a Constituinte, um líder partidário na Câmara. Ou bem funciona um líder na Constituinte com funções acumuladas com o líder na Câmara, ou o deputado Luís Henrique vai ter que exercitar sua capacidade de liderança entre sua secretária e alguns assessores.

— Não fui eleito líder na Câmara para ter gabinete e carro oficial — afirma Luís Henrique. Como integrante do grupo do PMDB que defendeu a Constituinte exclusiva, o depu-

tado fez campanha para liderar na Câmara explicando que essa eleição implicaria a acumulação com a liderança na Constituinte. É o que será feito, por mais votos que tenha tido o senador Mário Covas no pleito de 15 de novembro.

Os líderes dos partidos na Câmara e no Senado, até o final do ano, serão cargos fictícios, com funções que não irão além da porta dos seus gabinetes. O senador Fernando Henrique Cardoso, que já exerceu um cargo fictício no começo do governo — a inexistente liderança do governo no Senado — aceitou repetir a dose. O deputado Luís Henrique, não. Quer uma função verdadeira.